

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E O TRABALHO PEDAGÓGICO

LITERACY AND LITERACY AND PEDAGOGICAL WORK

Antonia Rosa Sobral¹
Danielle Aparecida dos Santos Queiroz²
Eda Maria Sousa Matos da Conceição³
Greicy Regina da Costa Souza⁴
Joanise Domingas Flanofa⁵
Miriam Arruda de Souza⁶

RESUMO: O objetivo deste artigo é destacar o papel da educação infantil, enfatizando que a alfabetização é uma prática pedagógica conduzida de forma lúdica. É importante ressaltar que o processo formal de alfabetização ocorrerá na escola primária. As escolas podem organizar a programação de forma que proporcionem alfabetização, foco no brincar e nas necessidades da educação infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Anos Iniciais. Letramento. Alfabetização.

ABSTRACT: The purpose of this article is to highlight the role of early childhood education, emphasizing that literacy is a pedagogical practice conducted in a playful way. It is important to emphasize that the formal literacy process will take place in primary school. Schools can organize programming in ways that provide literacy, a focus on play and the needs of early childhood education.

Keywords: Early Childhood Education. Initial Years. literacy. Literacy.

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa - FAEL, Especialista em Educação Infantil e Letramento pela Faculdade das Águas Emendadas - FAE.

² Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras - FACEL, Especialista em Educação Infantil pela Faculdade Afirmativo.

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais pela Associação varzeagrandense de Ensino e Cultura - AVEC.

⁴ Graduada em Pedagogia pela Universidade de Cuiabá - UNIC, Especialista em Educação Infantil pela IESMIG - Instituto de Ensino Superior de Minas Gerais.

⁵ Graduada em Pedagogia pelo Instituto de Educação e Tecnologia - INET. Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade de Cuiabá - UNIC. Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais pelas Faculdades Integradas de Cuiabá - FIC.

⁶ Graduada em Pedagogia pela Faculdade INVEST de Ciências e Tecnologia, Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade de Cuiabá - UNIC, Especialista em Educação Infantil e Especial pela Faculdade das Águas Emendadas - FAE.

I. INTRODUÇÃO

Alfabetização e letramento são processos que sempre fui estimulada a entender como e de que forma acontecem na escola, principalmente na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental. Compreender esses dois processos é essencial para o trabalho da educação infantil e do ensino fundamental, que tem significado para as disciplinas envolvidas no trabalho educativo.

Nesse contexto, a alfabetização é entendida como uma técnica destinada a ensinar a ler e escrever de forma coerente, enquanto o letramento refere-se à capacidade de utilizar a leitura e a escrita não apenas na escola, mas também em outros espaços sociais. Portanto, alfabetização e letramento são interdependentes. Portanto, quando os programas dos educadores são bem articulados, podem levar ao benefício de uma aprendizagem mais significativa e eficaz na vida dessas crianças.

A alfabetização e o letramento são processos que podem existir no cotidiano da maioria das pessoas e são necessários para que possam se integrar à realidade e compreender o mundo e a sociedade em que vivem.

Demonstramos assim a possibilidade de desenvolver um currículo baseado em princípios morais, políticos e estéticos para garantir o desenvolvimento da experiência e da experiência. Então, por meio do currículo desenvolvido pelos educadores das escolas pesquisadas, pode-se organizar um plano para atingir as metas e objetivos identificados no Projeto Político Pedagógico.

Para organizar isso, recomendamos listar as áreas de experiência com a Base Nacional Curricular Comum.

A educação infantil precisa levar em conta que esta é uma etapa do desenvolvimento da criança e, portanto, precisa proporcionar experiências significativas. São essas experiências que acontecem de forma divertida, por meio do brincar, da descoberta do mundo e da descoberta de si mesmo, que fazem parte do cotidiano nesta fase. É através deste curioso ambiente que sugiro que este processo seja um ambiente que destaque a alfabetização, de uma forma que os motive a entrar no mundo letrado. O

foco da educação infantil não está na alfabetização, mas no letramento e na conexão com o mundo da leitura.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Alfabetização e letramento

Quando pensamos em alfabetização e letramento, rapidamente pensamos no processo que se inicia nas fases iniciais de ingresso no Ensino Fundamental, ou mesmo na educação infantil. No entanto, enfatizo que alfabetização e letramento são práticas que precisam ser praticadas em suas respectivas épocas, à medida que cada disciplina se desenvolve.

Ao ver a alfabetização e o letramento como um processo contínuo que se forma à medida que nos desenvolvemos, é mister observar que esse processo é facilitado pela linguagem falada desde tenra idade. A língua falada é uma produção cultural que se desenvolve por meio da interação coletiva com outros sujeitos diante da cultura em que vive, de acordo com a linguagem trazida pelo sujeito.

Em todos os momentos, os sujeitos estavam em constante contato com a linguagem falada, assim, por exemplo, desde que o bebê ainda estava no ventre da mãe, os adultos eram estimulados a iniciar o processo de aquisição da linguagem falada, que se iniciava com diálogos, canções e histórias. Por meio desses estímulos, eles começam a perceber que coisas, objetos e necessidades básicas têm um nome, e assim surge a primeira tentativa de verbalizar suas necessidades.

Esse vínculo afetivo desde cedo, como fundamento, já é inspirado e incitado no processo de alfabetização e letramento ao nascer, crescer e ingressar na educação infantil. É por meio desse processo que a oralização começa antes mesmo de nascerem, facilitando assim o processo de alfabetização e letramento do mundo leitor.

À medida que esse tema se desenvolve, ele percebe que tudo ao seu redor tem significado e, aos poucos, inicia um processo de leitura do mundo, interpretação e compreensão do espaço em que se encontra. Isso significa que mesmo sem saber que determinado objeto pode ser lido e tem ortografia, ele pode entender e interpretar que

tem sua função. Por exemplo, podemos imaginar uma criança que precisa de uma chupeta para adormecer, e todas as noites antes de ir para a cama, ela encontra esse objeto para usá-la. Essa criança, mesmo sem saber a grafia da chupeta, consegue explicar e entender o que é o objeto e o que precisa para dormir.

Além disso, o ambiente em que está inserido apresenta representações dos diversos lugares que encontra diariamente, ou seja, cada representação de loja, por exemplo, roupas e manequins na vitrine, mesmo que não saiba seu nome, interpreta que o local representado é uma loja de roupas.

Muito antes de serem capazes de ler, no sentido convencional do termo, as crianças tentam interpretar os diversos textos que encontram ao seu redor (livros, embalagens, comerciais, cartazes de rua), títulos (anúncios de televisão, histórias em quadrinhos, etc...) (FERREIRO, 1996, p. 65).

Ao adentrar os espaços que habitam, percebem que as representações estão por toda parte, e que precisam se adaptar e entender como as pessoas se comunicam, mesmo que ainda não saibam ler e escrever como um senso de rotina. Assim, a alfabetização e letramento “passa a ser entendida como um longo processo que começa bem antes do ano escolar em que se espera que a criança seja alfabetizada e consiga ler e escrever pequenos textos” (BRANDÃO; ROSA, 2010 p. 20).

A alfabetização e o letramento começam antes dos sujeitos entrarem na escola, pois estão inseridos na sociedade em que vivem e devem interpretar as representações, livros, folders, anúncios etc. proporcionados pelo seu cotidiano, e se posicionar no espaço social.

Não se trata de alfabetização e letramento apenas no ato de ler e escrever, o processo é muito mais amplo do que esses simples atos, envolve tudo em nosso meio, então nosso cotidiano gira em torno da alfabetização e letramento, é aprender a língua do mundo. Assim, ler o mundo é o estudo do ser humano em seu desenvolvimento social, capacitando-o a compreender espaços, coisas, objetos e realizar tarefas simples e cotidianas. Ler e escrever são atividades de linguagem que fazem parte do cotidiano de todos e, portanto, são importantes meios de inserção na realidade.

No entanto, quando se trata de alfabetização e do processo de letramento em termos de leitura e escrita, o processo apresenta uma concepção mais clara. A alfabetização é a capacidade do sujeito de ler e escrever de forma coerente, reconhecendo os fonemas e grafemas presentes em um determinado texto. A alfabetização é a oferta de leitura e escrita desenvolvida na disciplina e a capacidade de realizá-las.

Em conformidade com Rangel (2008, p. 9): “a alfabetização em seu sentido próprio, específico, envolve o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita. Neste caso, alfabetizar significa adquirir a habilidade de codificar a língua oral em língua escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em língua oral (ler)”. O processo de alfabetização está relacionado às práticas de leitura e escrita em um contexto social.

Embora alfabetização e letramento tenham suas particularidades, eles se complementam no processo de ler e escrever, nesse sentido, ser letrado é usar a leitura e a escrita, mas o mais importante é saber interpretar essas ações. Assim, a articulação entre letramento e alfabetização leva a uma sugestão pedagógica para alfabetizar no início do ensino fundamental, envolvendo exercícios de leitura e escrita, que serão discutidos posteriormente.

Assim, a alfabetização e o letramento começam muito antes de uma criança poder ler e escrever formalmente, pois existem antes mesmo de a criança entrar no mundo e se integrar à sociedade. Pode estar presente no cotidiano de todas as pessoas e, à medida que se desenvolvem, percebem que é necessário saber ler e escrever para que possam interpretar o mundo ao seu redor.

2.2. Educação infantil e sua função pedagógica

Há muita discussão sobre o que precisa ser fornecido para crianças de 4 a 5 anos nos primeiros estágios do desenvolvimento da primeira infância. É visto que escolas, educadores e pais muitas vezes consideram esse passo menos importante. Esse pensamento está equivocado, então discutir o contexto da educação infantil nos faz pensar em que estágio é esse e qual é o seu papel docente no ambiente escolar.

A educação infantil é a etapa em que as crianças são expostas pela primeira vez à escola, de onde são inseridas no ambiente escolar. Para muitas crianças, essa exposição começa muito cedo, por volta dos seis meses, com um ano de idade, e para outras, começa apenas aos quatro anos, quando são obrigadas por lei a participar. No entanto, independentemente da idade em que esses sujeitos ingressam na educação infantil, a permanência nessa fase é muito importante para o seu desenvolvimento.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, essa etapa é considerada:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (2010, p. 12).

Essa etapa da educação infantil expõe as crianças ao universo, percebendo o espaço, o tempo, a escola, onde vivem e costumam frequentar, e as pessoas ao seu redor. No entanto, além de se integrarem à sociedade, elas ainda estão em fase de desenvolvimento e, portanto, precisam ser motivadas. A educação infantil proporciona experiências importantes em sujeitos ativos. Ao me referir às experiências significativas, ressalto que todas as experiências oferecidas nessa fase devem ser significativas à medida que estão sendo desenvolvidas em sua plenitude, que é função da escola.

A escola é definida como um ambiente em que sua função primordial é ensinar, porém, ensinar também significa proporcionar experiências significativas na vida desses sujeitos, incentivando-os a serem cidadãos à frente da sociedade em que se inserem. É aqui que os sujeitos passam a maior parte do dia, alguns em tempo integral, outros apenas por um tempo limitado, mas não importa a hora do dia que frequentam, todos estão em um ambiente que precisa proporcionar aprendizado.

As escolas não precisam se preocupar muito com o aprendizado: as crianças farão isso sozinhas. Precisa se concentrar em dar às crianças a oportunidade de experimentar o que precisam aprender; sentir que o que estão fazendo é significativo e vale a pena fazer. Se as crianças realmente não sentem esse interesse, as atividades escolares podem não

passar de um jogo, um brinquedo, uma obrigação que uns podem cumprir e outros não se satisfazem e deixam de lado (ROJO, 1998, p. 64).

Para isso, as escolas precisam desenvolver um programa instrucional que defina metas e objetivos para cada faixa etária e destaque o que cada sujeito precisa aprender e vivenciar nas etapas que a escola oferece. A definição de metas e objetivos em um programa de Projeto Político Pedagógico deve ser do conhecimento de todos os educadores da instituição e de todos os envolvidos em seu desenvolvimento.

Na educação infantil, não se trata de uma etapa que apresenta conteúdos claros como o ensino fundamental, mas de um currículo cuidadosamente elaborado que proporciona experiência com princípios e atende às necessidades da disciplina. Os princípios de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil são:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (2010, p. 16).

Esses princípios claros são diretrizes para o desenvolvimento do currículo, definindo as metas e objetivos desta fase. Os programas de educação infantil precisam levar em conta que esses sujeitos estão em constante evolução e, portanto, precisam estimular seu interesse por meio de experiências que lhes permitam aprender. Essas experiências acontecem em ambiente de sala de aula, utilizando materiais e rotinas para esses sujeitos, um ambiente acolhedor onde o aprendizado está intimamente relacionado ao local onde essas crianças estão.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, deve-se garantir a seguinte experiência:

Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança; Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical; Possibilitem às crianças experiências de

narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos; Recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais; Ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas; Possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar; Possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade; Incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza; Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura; Promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais; Propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras; Possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos (2010, p. 25).

Assim, o currículo pode enumerar todas essas experiências dentro do contexto de princípios éticos, políticos e estéticos que se relacionam com as metas e objetivos do Projeto Político Pedagógico da escola. Um bom currículo organizado por educadores em instituições de ensino é aquele que oferece às crianças oportunidades de aprendizagem.

Além de apresentar princípios norteadores para o estabelecimento de metas, a educação infantil também propõe áreas de experiência baseadas na Base Nacional Comum Curricular para a elaboração de planos educadores que definam aprendizagens e metas, que são: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Traços, sons, cores e imagens. Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (2016, p. 21).

Baseia-se em áreas de experiência e organiza a programação da educação infantil para proporcionar experiências significativas que beneficiem a autonomia e desenvoltura das crianças, bem como a expressão física, a fala e a imaginação. Como esta é a fase em que o sujeito está se desenvolvendo, o programa pode considerar o desenvolvimento motor, que envolve mudanças comportamentais, físico, que envolve mudanças físicas e morfológicas, e o desenvolvimento cognitivo, onde o sujeito passa a compreender o mundo.

Os ambientes de educação infantil também propiciam a descoberta, ou seja, descobrir cores, tamanhos, alturas, maciez, dureza, corpos e suas partes, gestos, sons, palavras, objetos, fisiologia e necessidades físicas.

Além de se descobrir como sujeito e outros sujeitos como seres diferentes, a fala é uma forma de interagir e se comunicar, fazer amizades, brincar com diferentes parceiros de maneiras diferentes e ter autonomia na escolha das brincadeiras. Além de descobrir espaços diferenciados em salas de aula e escolas diferentes dos espaços de casa, descobrindo gostos, sabores e, o mais importante, o mundo em que reside.

Por isso, a brincadeira tem um papel essencial nessa fase, pois é por meio dela que as crianças descobrem e aprendem sobre o que está ao seu redor. O brincar de maneiras diferentes é uma estratégia de aprendizagem, pois nesse ato o sujeito deve tomar decisões, resolver, traçar estratégias e pensar, não importa como o brinque. “É brincando que as crianças participam do mundo adulto e aprendem suas características” (BRANDÃO; ROSA, 2010, p. 21). Brincar torna agradável para as crianças sentirem que estão em um mundo imaginário onde imaginam, sonham e até planejam realizar esses sonhos.

Sem perceber, os sujeitos experimentaram novas formas de brincar e descobrir nesse ato de descobrir o mundo. É isso que precisa ser demonstrado na educação infantil, que inclui contação de histórias, música, teatro, dança, além de brincadeiras, jogos e brinquedos. Isso exige que os educadores estejam atentos ao que realmente está em evidência nesse espaço escolar e organizem um programa que atenda a todas essas necessidades.

Portanto, espera-se que dentro das metas e objetivos do Projeto Político Pedagógico, as escolas desenvolvam seu currículo com base nos princípios definidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil. Além disso, o currículo escolar é definido por uma proposta pedagógica que leva em conta a realidade em que está inserido. A escola, portanto, considera as crianças como sujeitos sociais e históricos que se desenvolvem na interação com os outros, proporcionando vivências que as tornam sujeitos críticos, participativos e autônomos.

No dia a dia, para que se deem as interações da criança com o mundo físico e social, é necessário que se oportunizem situações para a tomada de decisões, escolhas e intercâmbios dos pontos de vista, promovendo a manifestação da autonomia, da cooperação, tão importantes na formação do cidadão (RODRIGUES; AMODEO, 2002, p. 9).

Adaptar a educação infantil ao que é exposto é um desafio! Essa etapa consiste em proporcionar às crianças experiências relacionadas à descoberta por meio do brincar, para que possam interpretar e compreender o mundo em que vivem. Por ser a base do desenvolvimento infantil, ela precisa ser plenamente utilizada pelos educadores, prontos para assumir seus papéis, oportunizar o aprendizado e ter consciência da importância da etapa da educação infantil para o alcance dos objetivos que ela traça para quem trabalha em seu meio. “Assim, a importância do professor apropriar-se, antes de tudo de sua identidade como profissional de educação infantil, apoiando-se em pressupostos teóricos consistentes, definindo o seu norte e traçando linhas norteadoras de ação junto à criança” (RODRIGUES; AMODEO, 2002, p. 13).

Portanto, os educadores precisam desenvolver um trabalho que se enquadre na função da educação infantil para atender às necessidades das crianças e proporcionar o desenvolvimento com base nas metas e objetivos identificados no currículo e no Projeto Político Pedagógico.

2.3. A alfabetização na educação infantil

A alfabetização na educação infantil é um tema permanente de discussão. Tem sido dito que a alfabetização nesta fase os ajuda a estar bem preparados e progredidos em seus níveis de leitura e escrita no momento em que entram nos primeiros anos do ensino fundamental, o que é bom para o aprendizado.

A alfabetização como processo precisa ser colocada em prática o quanto antes pelos educadores, mas isso é um grande problema, a alfabetização é um processo demorado e requer estratégias dos educadores. A educação infantil não é um ambiente em que a leitura e a escrita são formalmente ensinadas, mas oferece uma oportunidade de alfabetização formal nos primeiros anos do ensino fundamental. A educadora Paula, (pré de 4a) afirma “não se deve alfabetizar na educação infantil e sim proporcionar

acesso à leitura e a escrita com ludicidade e interação, desafiando e provocando curiosidades nesse sentido nas crianças”.

Também observou a demanda dos pais por alfabetização na educação infantil, exigindo que o processo seja bom para a criança, e pedindo aos educadores que o façam de forma geral. O que acontece é que os pais muitas vezes podem não saber o que seus filhos realmente precisam vivenciar na educação infantil. Ouve-se muito que “tal escola é boa, por que tal filho já sabe ler e escrever, está ainda na Educação Infantil”. Por isso, é importante que os educadores organizem um encontro com a escola ou tenham uma simples conversa com cada pai para articular o que deve ser oferecido nessa etapa.

Mas por que não podemos realmente alfabetizar na educação infantil? Em primeiro lugar, a alfabetização não é uma tarefa fácil e leva tempo para que cada sujeito desenvolva a prática. De acordo com o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, a alfabetização deve ser assegurada até a idade de 8 anos, que é o final da terceira série do ensino fundamental.

Isso significa que a maioria das crianças não desenvolveu totalmente a alfabetização coerente ao final do 1º ano, o que não é um problema, nem um atraso na leitura e na escrita, pois é um processo complexo, que exige tempo e organização. As escolas precisam respeitar quando e como cada sujeito precisa aprender a ler e escrever, iniciar a alfabetização de forma formal na educação infantil não os ajudará a saber ler e escrever antes do tempo necessário. Essa alternativa seria simplesmente tornar a educação infantil um ambiente onde se ensina a ler e escrever, dando tempo para as crianças brincarem e extrapolando a possibilidade de despertar essas crianças para o mundo da leitura e da escrita.

O que é defendido nesta pesquisa é incentivar as crianças a ler e escrever na educação infantil. Assim, permite-se que o engajamento com o letramento ocorra em um ambiente alfabetizado, mas com o objetivo de letrar ao invés de realizar a leitura e a escrita da forma tradicional.

Assim, o fenômeno da alfabetização transcende o mundo da escrita, tal como é concebido pelas instituições responsáveis por introduzir formalmente o sujeito do

mundo da escrita. Pode-se dizer que a escola, a instituição de letramento mais importante, não se preocupa com o letramento, a prática social, mas apenas uma prática de letramento, o processo de alfabetização, a aquisição de códigos, o processo (alfabético, numérico) é necessário para o sucesso e promoção na escola de acordo com as habilidades individuais (KLEIMAN, 2003, p. 20).

Durante a presente pesquisa, foi notado que os educadores abordam o letramento de uma forma lúdica, sem a real intenção de alfabetizar, eles acreditam claramente que na primeira infância a alfabetização não é ensinada, mas é possível uma exploração de todas as situações do ambiente de alfabetização de aprendizagem.

O letramento na educação infantil ajuda a despertar o interesse por meio desse espaço divertido para aprender a ler e escrever antes do início do ensino fundamental. Essa etapa os deixa curiosos sobre a ortografia usada pelos adultos, oferecendo a possibilidade de entrar no mundo da leitura e da escrita.

As crianças são expostas a um mundo cercado de palavras, da casa à escola, deparam-se com inúmeras grafias em diversos lugares, o que estimula o interesse pela leitura e pela escrita. No entanto, a sala de aula da educação infantil é o ambiente onde a alfabetização deve ser demonstrada, e apesar da exposição diária a diferentes grafias, bem como as interações dos adultos com os sujeitos, é a escola que realmente proporciona essa alfabetização.

As letras que compõem o nosso alfabeto precisam estar presentes para que as crianças possam conhecê-las e reconhecê-las em outro lugar. Mas isso não significa que os sujeitos tenham que memorizar e repetir a grafia de cada letra inúmeras vezes para que possam "aprender", não sendo referido a esse aprendizado e letramento para a educação infantil, muito menos para os primeiros anos do ensino fundamental.

É recomendado vincular a alfabetização às atividades cotidianas no programa de um educador para fornecer conhecimento de forma lúdica aos assuntos, as grafias que compõem o alfabeto. Nesse sentido, o papel do educador é atuar como mediador do conhecimento no processo de aprendizagem por meio do brincar, permitindo que o educador/criança estabeleça uma relação propícia à troca de ideias, ao diálogo para a

resolução de conflitos cotidianos e à estabelecimento de salas de aula como espaços de mediação.

[...] é possível dar múltiplas oportunidades para ver a professora ler e escrever; para explorar semelhanças e diferenças entre textos escritos; para explorar o espaço gráfico e distinguir entre desenho e escrita; para perguntar e ser respondido; para tentar copiar ou construir uma escrita; para manifestar sua curiosidade em compreender essas marcas estranhas que os adultos põem nos mais diversos objetos (FERREIRO, 1993, p. 39).

O ambiente da educação infantil precisa interagir com a aprendizagem, estimular a curiosidade em aprender a ler e escrever e permitir que cada criança construa seu próprio conhecimento de forma autônoma, ou seja, descobrir, pensar, experimentar e discutir com os colegas. A sala de aula nesta fase é um ambiente construtivo que precisa ter a cara dos alunos, não dos professores, para que todas as atividades que as crianças realizam das mais diversas formas possam ser expostas em sala de aula e transformadas em um ambiente letrado.

O ambiente da educação infantil precisa interagir com a aprendizagem, estimular a curiosidade em aprender a ler e escrever e permitir que cada criança construa seu próprio conhecimento de forma autônoma, ou seja, descobrir, pensar, experimentar e discutir com os colegas. A sala de aula nesta fase é um ambiente construtivo que precisa ter a cara dos alunos, não dos professores, para que todas as atividades que as crianças realizam das mais diversas formas possam ser expostas em sala de aula e transformadas em um ambiente letrado.

2.4 Alfabetizar letrando nos anos iniciais do ensino fundamental

Alfabetização e letramento são processos que se constroem em qualquer momento da vida de uma criança ou de um adulto à medida que a prática da leitura e da escrita os torna cada vez mais adequados. No entanto, nem sempre um sujeito alfabetizado é um sujeito letrado, pois o ato de alfabetizar é a capacidade de ler e escrever de forma coerente, já o letramento está relacionado à prática de ler e escrever de acordo com seu contexto social. Ocorre que os hábitos de leitura e escrita nem sempre são

incentivados pelas escolas/educadores, formando assim sujeitos apenas alfabetizadores, mas não constituem sujeitos para a prática do letramento.

Nessa perspectiva, é destacado aqui o processo de alfabetizar com letramento nos primeiros anos do ensino fundamental, que envolve não apenas aprender a ler e escrever, mas a execução desses processos como prática social, em seu dia a dia, sendo o letramento nesse sentido o “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita” (SOARES, 2003, p. 39).

Um sujeito letrado compreende a importância dessa prática em seu meio social e domina a leitura e a escrita, ou seja, é um sujeito que utiliza a leitura e a escrita como prática social. Para que os alunos do primeiro ano compreendam a leitura e a escrita em seu contexto social, é importante que escolas, educadores, pais e a sociedade em geral possam fazer parte desse processo.

Primeiramente, é analisado que a sala de aula do primeiro ano precisa ser um ambiente letrado com diversas atividades desenvolvidas pelos próprios alunos, além de livros infantis, jornais, revistas, folders, cartazes, textos e histórias diversas. Ferreiro diz:

Em cada classe de alfabetização deve haver um “canto ou área de leitura” onde se encontrem não só livros bem editados e ilustrados, como qualquer tipo de material que contenha a escrita (jornais, revistas, dicionário, folhetos, embalagens e rótulos comerciais, receitas, embalagens de medicamentos etc.) Quanto mais variado esse material, mais adequado para realizar diversas atividades de exploração, classificação, busca de semelhanças e diferenças e para que o professor, ao le-los em voz alta, de informações sobre “o que se pode esperar de um texto” em função da categorização do objeto que veicula. Insisto: a variedade de materiais não é so recomendável (melhor dizendo, indispensável) no meio rural, mas em qualquer lugar onde se realize uma ação alfabetizadora (1993, p. 33).

É visto também que o ambiente do primeiro ano pode proporcionar brincadeiras, brinquedos e jogos para tornar o aprendizado significativo. Os alunos do primeiro ano são confrontados com inúmeras grafias, letras, palavras, e fornecer alfabetização de uma maneira divertida os levará a aprender de uma maneira que a leitura e a escrita sejam agradáveis para eles.

A escola é o principal ambiente em que as crianças são ensinadas a ler e escrever, na verdade está ensinando as crianças a ler e escrever, mas na sociedade, a alfabetização acontece. Portanto, é importante que as crianças percebam que o ato de ler e escrever não é para a escola, mas para que cada sujeito se integre à realidade como garantia de sua sobrevivência na sociedade em que vive. Então a importância dos educadores é encontrar alfabetização no rádio, na TV, nos jornais, revistas, nas ruas, onde moram e possibilitar que outros falem sobre sua vocação ou contem histórias, então alfabetizar é uma aula extra, não só aparece no espaço escolar, abrange também todo o ambiente em que esses sujeitos estão inseridos.

Por curiosidade, para aprender a ler e escrever não apenas no ambiente escolar, mas para abranger todas as partes de suas vidas, os educadores podem aproveitar essa personalidade nas crianças e usá-la para promover a alfabetização e o processo de letramento. Isso significa que os educadores precisam levar em conta a cultura, o conhecimento e o tempo que cada disciplina leva para compreender esses processos.

O programa do educador precisa estar inter-relacionado com o ambiente em que ele ensina a alfabetização, que muda à medida que a criança progride. É muito importante que a prática da leitura e da escrita seja estimulada com diversão e interesse de forma lúdica de acordo com os interesses e necessidades da criança, para que ela compreenda o uso de ambas em diferentes campos e situações da vida cotidiana.

Assim, é possível alfabetizar letrando, apresentando atividades que envolvem a prática social das crianças para além dos limites escolares, às realidades da vida em cada disciplina. A alfabetização letrada não é apenas ensinar a ler e escrever, mas utilizar a prática no cotidiano e buscar alternativas para ampliar a leitura e a escrita. As crianças aprendem a ler e escrever ao longo de suas vidas, dependendo da cultura em que vivem, com quem e como interagem com outros sujeitos, e é por meio dessa interação que a leitura e a escrita progridem.

Ler e escrever não são apenas habilidades construídas em torno da decodificação; mais do que isso, saber ler e escrever significa aplicar uma variedade de habilidades

pertinentes à cultura na qual a palavra escrita se orienta para atuar nessa cultura e, portanto, na sociedade como um todo (SCHOLZE; RÖSING, 2007, p. 9).

Assim, alfabetização e letramento se complementam no processo de aquisição da leitura e da escrita, partindo do pressuposto de que alfabetizar letrando é trazer a prática da leitura e da escrita para a sala de aula, de acordo com as realidades de cada disciplina. “Os processos de alfabetização e letramento escolares envolvem, fundamentalmente, a apropriação e o uso competente da leitura e da escrita de textos variados, com significado e relevância social” (SCHOLZE; RÖSING, 2007, p. 38).

Assim, a prática da leitura e da escrita é a forma como a criança a procura de acordo com o interesse e a forma como lhe dará algum significado social, e é através desse interesse que a alfabetização se estrutura e se configura na extensão do seu processo de alfabetização e letramento.

CONCLUSÃO

No momento da redação deste artigo, buscaram-se os conceitos de diversos autores que tratam do tema alfabetização e letramento. Esses processos começam antes mesmo que os bebês nasçam e constituam a sociedade. Isso significa que os bebês podem perceber as palavras, movimentos, histórias e canções contadas pelos adultos ainda no ventre de suas mães. Assim, à medida que um sujeito nasce, cresce e se desenvolve, por meio da interação adulta, ele começa a se construir e a se inserir no tempo e no espaço em que se encontra. Gradualmente, em seu desenvolvimento, eles começam a perceber tudo ao seu redor, principalmente suas necessidades básicas.

Essa é a perspectiva do mundo da leitura, em que um sujeito que não sabe ler ou escrever compreende formalmente o significado de suas necessidades cotidianas. Para tanto, a linguagem falada é um recurso para os adultos estimularem os bebês a perceberem coisas, objetos e necessidades básicas com um nome, para que os sujeitos iniciem sua primeira tentativa de se expressar verbalmente.

Os ambientes de educação infantil proporcionam uma conexão com a leitura de forma lúdica, por meio de brincadeiras, jogos e contação de histórias, para despertá-los

para um mundo letrado. A educação infantil é, portanto, um ambiente letrado em que a presença do alfabeto existe na sala de aula e no programa do educador para que as crianças compreendam e reconheçam, a partir de uma organização curricular com objetivos éticos, políticos e estéticos. Assim como as áreas de experiência elencadas na Base Nacional Curricular Comum para proporcionar experiência e vivência para o seu desenvolvimento.

Portanto, a alfabetização não é evidente na educação infantil, e reconhecendo que a alfabetização nesta fase não promove um desenvolvimento mais rápido da leitura e da escrita, está apenas além da curiosidade que a educação infantil precisa estimular.

A compreensão da alfabetização formal começa no início do ensino fundamental, e é oferecida uma perspectiva sobre a alfabetização. A alfabetização é a capacidade de ler e escrever pequenos trechos de forma coerente, enquanto o letramento está relacionado à prática social de ler e escrever. Com base nesses conceitos, a alfabetização letrada possibilita o aprendizado da leitura e da escrita.

A ênfase é colocada na prática da leitura e da escrita de acordo com as realidades sociais do sujeito. Portanto, o papel do educador é demonstrar aos sujeitos ativos que aprender a ler e escrever é importante para a autoformação de cada pessoa como cidadão em um contexto social. Ler e escrever não são para escolas ou educadores, mas para a prática cotidiana de cada disciplina estruturando-os, desenvolvendo-os e percebendo-os.

Este artigo é um exercício para que os educadores reflitam sobre a forma como planejam na educação infantil, levando em consideração os processos que dificultam a leitura e a escrita à medida que os educadores melhoram os índices de alfabetização. O que precisa ser lembrado é que a alfabetização na educação infantil simplesmente elimina os momentos em que as crianças brincam e se descobrem no tempo e espaço inseridos.

Educadores e escolas devem refletir sobre o currículo nesta fase, identificando metas e objetivos para que proporcionem letramento e estimulem as crianças a entrar no mundo da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Disponível em <http://pacto.mec.gov.br>. Acesso em 02/07/2022.

_____. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica**. Diretrizes Curriculares Nacionais Básica para a Educação Infantil. Brasília, 2010.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC 2ª versão**. Brasília, DF, 2016.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (orgs.). **Ler e Escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. 2.ed. São Paulo: Autêntica, 2010.

CUBERES, Maria Teresa González (org). **Educação Infantil e Séries Iniciais – articulação para alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

GARCIA; Regina Leite (org). **Novos olhares sobre a alfabetização**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KLEIMAN, Angela B. (org.). **Os Significados do letramento. Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 6.ed. Campinas, São Paulo: Mercado de letras, 2003.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível**. Reinventando o Ensinar e o Aprender. Porto Alegre: Mediação, 1997.

RAPPOPORT, Andrea. et al. **A criança de 6 anos no ensino fundamental**. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

RANGEL, Annamaria Piffero. **Alfabetizar aos seis anos**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

ROJO, Roxane (org). **Alfabetização e Letramento: Perspectivas Linguísticas**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

RODRIGUES, Maria Bernadette Castro; AMODEO, Maria Celina Bastos. **O espaço pedagógico na pré-escola**. Cadernos Educação Infantil. 5 ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tania M. K.(org). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília, DF: Inep, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema de três gêneros**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ZEN, Maria Isabel H. Dalla; XAVIER, Maria Luisa M.(org). **AlfabeLetrar: Fundamentos e práticas**. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.